

ANGOLA, MEU AMOR!



Vinte anos depois de ter deixado a sua terra, Emídio Rangel, director da SIC, voltou a Angola, integrado na comitiva oficial do Presidente da República, Mário Soares. Uma visita repleta de emoções...

DINIS ALVES — ENVIADO ESPECIAL

O funcionário da casa de câmbios largou os maços de kwanzas que tinha na mão e gritou: «Olh'ó Rangel!» Seguiu-se um abraço forte, com a força de 20 anos de saudade. Tendinha, assim se chamava o funcionário, conheceu Emídio Rangel em Sá da Bandeira, era fã dos seus programas, primeiro no Rádio Clube da Huíla, depois na Rádio Comercial de Angola. Agora, Emídio Rangel voltava a Angola, coração a bater sempre forte, ritmo alimentado por dois sentimentos opostos: a alegria do reencontro, a raiva pela desgraça de um povo.

E Rangel que nem pensava voltar a Angola tão cedo... «Tinha jurado a mim mesmo só voltar a Angola quando houvesse paz efectiva. E só o



FOTOS: ACÁCIO FRANCO

convite do dr. Mário Soares me fez quebrar essa promessa. É que ainda não estava preparado psicologicamente para regressar.»

TV+ — Nasceu em Angola, há 49 anos. Vinte deles passados fora do torrão natal. O seu coração aguentou bem este regresso?

EMÍDIO RANGEL — Não foi fácil, tal a emoção que senti nestes dias. O meu coração aguentou, dividido pela alegria dos reencontros, mas também por uma profunda fúria contra o flagelo desta guerra estúpida!

TV+ — Começemos pelas alegrias...

E. R. — O reencontro com amigos de infância, que não via há duas décadas, foi fabuloso. Nunca mais me esquecerei do passeio pela marginal, na companhia de um desses meus amigos, o Júlio Ribeiro. Enquanto caminhávamos, outros companheiros de Sá da Bandeira e de Luanda iam aparecendo, como que por encanto. Foi uma sucessão de abraços, de lágrimas, de recordações da nossa meninice e da nossa juventude passada em África.

TV+ — O prazer do re-

encontro com os amigos, mas também com um sol diferente, um mar diferente, o feitiço da África natal. Guardou uns minutos só para si, na voragem de uma deslocação tão meteórica?

E. R. — Tive tempo para estar sozinho, contemplando o pôr do sol, de Luanda. E vou confessar-lhe uma coisa. Trazia de Portugal o desejo de ver o sol romper, numa das manhãs. Pedi o despertar aos serviços do hotel, e afinal acordei sem ajuda do telefone. O desejo era tanto que o meu corpo acordou por ele,

Rangel no Aeroporto de Luanda: "Trouxe comigo uma grande revolta, por toda a miséria que vi"

seis e pouco da manhã. E pos-tei-me à janela do quarto do hotel, a beber o feitiço de um nascer do sol como não há igual no resto do mundo. Não interessa dizer se chorei, não consigo dizer o que senti, porque não tem tradução. Ou, se quiser, traduza tudo em duas palavras: feitiço e magia...

TV+ — Um espectáculo toldado depois pelo reencontro com a dura realidade do quotidiano do povo de Angola...

E. R. — Um povo mártir, sofrendo o flagelo de uma guerra estúpida, com culpas para ambos os lados. Um país que po-

dia ser dos mais ricos de África, com riquezas incomensuráveis, e com tão pouca população, podia dar dos rendimentos per capita mais elevados do mundo. E o que vemos é um povo sacrificado, um povo mártir, lutando tenazmente contra a fome e a miséria. Levo comigo uma grande revolta, por tudo o que vi.

TV+ — E vontade de fazer qualquer coisa, a favor da terra que o viu nascer?

E. R. — Sabe que não tive coragem de acompanhar a dr^a Maria Barroso na visita que fez a um lar de crianças abandonadas, estropiadas? Não consegui. Mas cruzei-me com elas na rua, e é de nos cortar o coração. Crianças abandonadas, tendo por companhia inseparável apenas o cartão onde se deitam à noite. Hoje, considero absolutamente indispensável que mostremos ao mundo o que se está a passar com as crianças de Angola.

TV+ — A SIC vai avançar com alguma campanha de sensibilização, de ajuda?

E. R. — A SIC e toda a comunicação social portuguesa, ninguém pode ficar de fora. É uma batalha que tem de ser travada, ninguém pode viver de consciência tranquila sabendo a miséria e a dor por que passam as crianças angolanas.

TV+ — E há adultos a sofrer?

E. R. — Se há! Um momento muito doloroso vivi-o quando me encontrei com outro amigo de infância. Não interessa o nome, mas dizer apenas que é professor catedrático e com responsabilidades na reitoria da universidade de Luanda. Ganha 17 dólares

por mês! Fiquei profundamente amargurado ao ver um homem daquela categoria, com as responsabilidades que tem, confessar-me que passava fome! E contar-me que há funcionários a ganhar dois a três dólares por mês. Não chega a quinhentos escudos portugueses. Soube que há polícias que ganham um dólar por mês! Assim, não lhes resta alternativa que não seja a de mandar parar os automobilistas, para os roubar!

TV+ — Projectos da SIC



Com Mário Soares no avião presidencial

para Angola?

E. R. — Vamos enviar uma equipa de reportagem, tendo em vista preparar uma série de reportagens sobre o quotidiano deste povo sacrificado. Mas, mais do que tudo, queremos alertar o novo governo para que mude as coisas na RTP. As pessoas com quem contactei queixaram-se muito do serviço esta estação, da repetição três e quatro vezes ao dia dos mesmos blo-

cos de programas. Como agora quase não saem à noite, consomem muita televisão, ou seja, muitas cassetes vídeo. Descobri, por exemplo, que funciona um circuito de cassetes vídeo com programas da SIC, alimentado por pessoas que as enviam de Portugal. E eu pergunto: porque é que os milhões de cidadãos que falam português por esse mundo fora não podem ter acesso à nossa programação?

TV+ — Defende uma alteração de estatutos da RTP? Subtraí-la à tutela da RTP?

E. R. — Não é preciso. Aceitamos que continue na RTP, mas abrindo a antena às produções das outras televisões em Portugal. O que importa é que a RTP seja uma montra do que se faz em Portugal no campo da televisão, e não um exclusivo dos programas da RTP. A SIC está disposta a colaborar, em moldes que negociaremos com bastante abertura, assim haja vontade dos responsáveis. E acredito no novo secretário de Estado da Comunicação Social, um homem bastante sensibilizado para estas coisas. O dr. Arons de Carvalho perceberá que o governo tem na RTP um instrumento precioso de divulgação da cultura portuguesa no mundo, de contacto com os milhões que falam a nossa língua por esse mundo fora. O repto fica aqui lançado. +

A última viagem do Presidente

Mário Soares não quis deixar Belém sem concretizar a ambição de visitar, oficialmente, a República Popular de Angola. Após complicadas negociações de bastidor, lá foi ele até Luanda, na sua última viagem de Estado. Regressou feliz, com o sentimento do dever cumprido.

